

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA: PREOCUPAÇÃO PARA COORDENADORES PEDAGÓGICOS

Ana Karina Proência Akkari*

RESUMO: *Este artigo discute a questão de informação e situações que contribuem para a incidência de gravidez precoce, de abortos e doenças sexualmente transmissíveis em adolescentes, buscando apontar algumas pistas para a educação sexual na escola. O tema é focalizado no plano de uma discussão, partindo de um estudo exploratório inicial, no âmbito da instituição escola localizada em Candeias-Bahia, como fonte de consulta, tendo por perspectiva apontar algumas saídas como desafios para os coordenadores pedagógicos, na educação sexual para adolescentes.*

Palavras-Chave: Educação; Sexo; Adolescência; Coordenação Pedagógica.

INTRODUÇÃO

Educação Sexual na Adolescência é um tema que está no debate atual como um grande problema, que nos inquieta e nos ocupa como coordenadores escolares, sendo fenômeno perceptível nos índices de aborto, nas Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), e na gravidez precoce, fato social que expõe nossa responsabilidade como educador.

Analisar as informações que os adolescentes têm proporcionou-me um conhecimento sobre este período de idade do ser humano. Período marcado por ambivalências e atritos com o meio familiar/ escolar, pela mídia e agravado pelo surgimento de gravidez indesejada, considerada fora de hora, doenças sexualmente transmissíveis, etc.

Podemos afirmar que a vida sexual dos filhos continua sendo uma das grandes preocupações dos pais através dos tempos. Não é, como muitos pensam, uma preocupação materna. O que ocorre hoje é que este assunto, antes resolvido com uma grande dose de repressão, está sendo encarado de forma diferente.

Surgem algumas questões: os alunos adolescentes têm informações sobre vida sexual tais como educação sexual na família? Os educandos têm informações sobre que doenças sexualmente transmissíveis são causadas através do ato sexual? As informações através da mídia (TV, Internet, revistas) como também de amigos são deturpadas?

Este artigo pretende discutir tais questões, tomando como pano de fundo o tipo de conhecimento que o adolescente tem sobre vida sexual e de quais fontes ele adquiriu esse conhecimento, com o objetivo de analisar: se o conhecimento pode ser considerado educativo; se as fontes desse conhecimento são educativas; se a escola é uma fonte importante desse conhecimento. Além disso, caracteriza a adolescência por amplas transformações sobre critério psicológico, biológico, familiar, ético e social.

À medida que a temática é um universo, cuja exploração aponta inúmeras possibilidades de abordagem, o presente texto se limitará a um plano: discussão a respeito de informação e

* Professora da Faculdade de Educação e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Católica do Salvador - UCSal. Pós-Graduada em Coordenação Pedagógica/ Supervisão Pedagógica pela PUC-MG. Orientadora (Educação/ Profissional). Pós-Graduada em Psicopedagogia. Coordenadora Pedagógica da Escola Municipal Conselheiro Luis Viana. anaakkari@ucsal.br

situações que contribuem para a incidência de gravidez precoce, de abortos e DST em adolescentes, buscando apontar algumas pistas para a educação sexual na escola.

Importante esclarecer que esta discussão parte de um estudo exploratório, de natureza qualitativa, por uma necessidade de aproximação maior com essa questão da educação sexual na adolescência. Embora tenha formalmente terminado a fase exploratória para um estudo monográfico já realizado, buscarei, ainda, definir nosso objeto de estudo na perspectiva de um estudo mais verticalizado, que será construído com marcos teóricos pertinentes dentro das dimensões científicas, ultrapassando o senso-comum. Planos para um futuro próximo.

EDUCAÇÃO SEXUAL E O PROBLEMA DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

“O que será? Que todos os avisos não vão evitar...”. (Chico Buarque)

Com os estudos científicos, a adolescência é vista como um período ambíguo e transitório em que, de um corpo de criança está nascendo um corpo adulto e, com ele, o desejo, o descobrimento do prazer, acompanhado de cobrança, esperanças/ expectativas. É caracterizado por amplas e profundas modificações psicossomáticas, em que se dá o desenvolvimento morfológico-funcional do ser humano.

Neste sentido, educação pode ser assumida como processo pelo qual possibilita aos indivíduos desenvolvimento intelectual, habilidades motoras e aquisição das normas de comportamento sexual, compreendendo que sexo é uma conformação característica que distingue o macho da fêmea nos homens, nos animais e nos vegetais, as partes sexuais (pudendas). Porém só afirmar o que é sexo não basta.

A adolescência é, sem dúvida, um período quando as pessoas estão vivendo um processo de formação e de desenvolvimento para sua maturidade biológica, psicológica e social. A adolescência marcada por uma gravidez torna esse momento mais complicado para a adolescente e confuso para os pais. Principalmente mulher adolescente que não é mais criança nem é adulta, mas traz dentro de si um feto.

Algumas adolescentes enfrentam a gravidez sozinhas. Os namorados, que são prováveis pais adolescentes, tornam-se, muitas vezes, personagens invisíveis.

Nossa cultura sofre muitas interferências através dos meios de comunicação que divulgam de todas as formas (através de revistas, filmes, novelas e até ídolos infantis) um tipo de sexualidade liberada ao invés de canalizar formas de educar a sociedade em relação a isso. As transformações culturais e os valores morais sofrem interferências e modificam-se de acordo com novos conceitos de cultura. Porém a educação sexual não acompanha essas mudanças, ficando defasada e causando severas conseqüências como gravidez precoce, DST, problemas emocionais e familiares, dentre outros. Como diz Lia Guedes: “o turismo também contribui para a prostituição”.¹

Essas adolescentes, ao engravidarem, passam por uma transformação em suas vidas sem terem uma preparação adequada e por um período de conflitos onde tendem a dar expressão igual à infância e a vida adulta que surge. Gostariam de estar brincando quando, na verdade, são trabalhadoras, futuras mães. É um período com implicações nas relações familiares, quando, em vez de viver e ganhar novas experiências próprias da idade (estudar, trabalhar, divertir-se), essas adolescentes inclinam-se para cuidar de seus bebês. Um presente inesperado, que modifica suas vidas. São adolescentes que precisam ser ouvidas, não julgadas.

A maioria dos/ das adolescentes, no mundo inteiro, lê pouco; no máximo, jornal e revista em quadrinhos; às vezes, revista ou livro de aventura; e vê muita televisão, não gosta de política

¹ Professora do Cria (Centro de referência Integral do Adolescente), 1999.

nem se envolve, particularmente, com a defesa do meio ambiente ou a ecologia, segundo as inúmeras pesquisas que vêm sendo feitas sobre esse segmento social. A mais recente, da agência de publicidade americana, DMB&B², associada à agência Salles³ no Brasil, que ouviram mais de 25000 jovens em 41 países, dos quais 1348 brasileiros entre 15 e 18 anos, revelam⁴:

“Algumas particularidades dos brasileiros de classe média para cima, em relação aos seus pares de outros países: ao consumir, eles se importam mais com o preço: 23% dos brasileiros comprariam um produto de marca sem olhar a etiqueta, contra 34% da média internacional. São menos lidos em relação à média e se divertem mais”.

Os adolescentes brasileiros gostam mais de namorar, beber, ouvir música, dançar e de se apaixonar, “ficar”. Mas, também, são mais preocupados com o futuro e o sucesso do que nos demais países. Ter um bom emprego é a principal preocupação de 76% dos entrevistados no estudo. Outros problemas maiores dos brasileiros são a violência, a Aids e a pobreza.

Os seguintes dados estatísticos oriundos da SESAB⁵ demonstram o número de nascidos vivos, segundo a faixa etária de mães residentes em Salvador, estado da Bahia. Nos anos de 1994/1995/1996, o número de nascidos cresceu de 213 para 261/ para 295, filhos de adolescentes com faixa etária entre 10 -14 anos. Mães entre 15-19 anos, nos respectivos anos, tiveram uma natalidade de 6368 para 9325/ para 8094, havendo uma pequena queda do índice de 1995 para 1996. Mães com idade entre 20-29 anos contribuíram para um aumento significativo dos índices de nascidos vivos nos anos citados, sendo 20.777 em 1994; 23.667 em 1995; 20.723 em 1996.

Consultando mais outra fonte de dados, esta vez pelo IML⁶, podemos, por um lado, comparar os óbitos de natureza violenta de menores de 18 anos, no Brasil, no período de janeiro de 1994 a julho de 1999, por outro lado, o assassinato de menores até 19 anos, segundo o MS⁷. Este gráfico apresenta índices de óbitos e de assassinato com elevado número de adolescentes que sofrem estes processos.

FONTE	NÚMERO	PERÍODO	FAIXA DE IDADE
INSTITUTO MÉDICO LEGAL	1397	94/99	Até 18 anos
MINISTÉRIO DA SAÚDE	3180	1995	Até 19 anos

Diante desses dados estatísticos, resultados deste estudo exploratório inicial, em Candeias /Bahia, a respeito de educação sexual, surge uma preocupação por nossa parte, como Coordenadora da Escola Argentina, Candeias-Ba, em não esconder o problema da sexualidade. Devendo fazer desencadear uma informação sem preconceitos, de tal forma que pudesse tirar dúvidas e vícios que a sociedade reproduz nos adolescentes. Com isso, vimos que o trabalho pedagógico da coordenação nas escolas pode ser um trabalho de mediação e de orientação ao mesmo tempo, não excluindo a responsabilidade dos pais e atentando também para o papel do educador que pode influir nesse contexto, numa relação próxima e recíproca para, efetivamente, acontecer a aprendizagem.

² D’Arcy, Masius, Benton & Bowles.

³ Agência de publicidade.

⁴ Jovens brasileiros, 1996. 30.

⁵ Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, 1994/1996.6

⁶ IML – Instituto Médico Legal e Imprensa.

⁷ MS – Ministério da Saúde.

Para Grossiman⁸ “O que muda não é a relação do adolescente com as transformações porque passa o país. São as circunstâncias políticas, culturais e sociais que elevam a juventude ou parte dela, a ter uma atuação destacada ou não na sociedade”.

Por exemplo, uma parte da juventude estava mobilizada e eferescente, politicamente, nos anos 70, porque a gente vivia numa ditadura, e a sociedade pedia a sua participação. Quando entramos num período de democracia, e a sociedade se mobilizou pela campanha das Diretas Já, ou do *impeachment*, a juventude também foi para as ruas, o jovem não atuou de forma isolada da sociedade. O que significa isso?

DESAFIOS DO COORDENADOR PEDAGÓGICO CONTEMPORÂNEO

A fase da adolescência, fase significativa da vida, nos coloca frente ao problema da patologia social, no que diz respeito ao nível de informação/ formação sexual dos adolescentes, principalmente das adolescentes.

A questão, simples à primeira vista, é, porém, bastante complexa, pois a adolescência é uma fase da vida de muitas mudanças biológicas e psicológicas que merece atenção e cuidado, pois a própria fase ajuda no agravamento do problema.

O coordenador contemporâneo se defronta com um grande dilema. Por um lado, percebemos que existe hoje uma liberação sexual mais espontânea, mas com certa mistura de desinformação e dependência no sentido de que ainda estão sob a tutela dos pais, mas não se sentem reprimidos por isso e sempre fazem o que querem, mesmo sabendo das conseqüências que podem vir a ter com este tipo de atitude. Por outro lado, a escola lhe confere a tarefa de homogeneizar o trabalho pedagógico, cumprindo o programa que lhe é dado no tempo que lhe é determinado. Por essa razão, o (a) coordenador (a) geralmente aposta no repasse das informações/ definições cristalizadas, dos conhecimentos estabelecidos, dando pouca ou nenhuma atenção às dificuldades e/ ou problemas, como a gravidez na adolescência.

Pais e educadores podem se unir na luta por um melhor entendimento com os jovens, ajudá-los, orientá-los nas suas decisões e dúvidas e não repreendê-los por qualquer motivo, sem esclarecer o porquê da repreensão, punição ou proibição. Também precisamos considerar a necessidade de não ignorar a educação sexual ao currículo da nossa escola, uma iniciativa que deve ser uma preocupação coletiva liderada pela Coordenação Pedagógica. Os jovens necessitam de ajuda, carinho, compreensão.

A educação sexual na adolescência deve ser abordada com compromisso e responsabilidade pelas autoridades competentes governamentais, a fim de reverter este quadro, principalmente pela coordenação de qualquer instituição escolar, como também pela condição de atendimento por setores especializados em herbearia.

Sendo assim, essa questão de sexo na adolescência, para o qual voltamos nosso interesse na apresentação deste texto, com exigências que este tema deve ter, considero este um texto para um início de abordagem do tema a ser ainda pesquisado e aprofundado.

Após uma parada para pensar sobre essa questão da gravidez na adolescência e alguns tateios quanto ao rumo a tomar, tive clara uma idéia. A idéia de buscar aproximações a este tema de estudo Educação Sexual na Adolescência: preocupação para Coordenadores Pedagógicos. A partir dessa base exploratória de tema, começarei a trilhar no caminho do projeto de Pesquisa, propriamente dito, possivelmente em direção ao mestrado.

⁸ Apresentador do programa de televisão Altas Horas.

REFERÊNCIAS

BARROS, Ricardo Rego. Sexualização Precoce. **Revista PAIS & TEENS**, p.10, São Paulo: Agosto / 1997.

BUARQUE, Chico. **O que será**. Bahia: Maconha Acústica, 1998.

FIORI, Ana Maria. Gravidez na Adolescência. **Revista PAIS & TEENS**, p. 7, São Paulo: agosto/ 1997.

GROISSMAN, Sergio. Juventude. **Jornal A Tarde**, pg. 15, Setembro / 1996.

GUEDES, Lia. Turismo e Prostituição. **Revista Cria**, n. ° 1 p.2, Bahia: março / 1999.

SALES, Agência. Consumo por adolescentes. **Revista Cláudia e Família**, p. 30, Novembro / 1996.

TAKIUTE, Toke. Trocando de Boneca por um bebê de verdade. **Revista PAIS & TEENS**, p. 9, São Paulo: agosto/1997.

VITIELLO, Nelson. Gravidez na adolescência. **Revista PAIS & TEENS**, p. 24, São Paulo: Agosto / 1997.